

**Diego Lemos Ribeiro**

## **O QUE É MUSEOLOGIA?**

---

O campo dos museus é um terreno fértil para reflexões, sobretudo porque lida com matérias-primas extremamente complexas: as pessoas (sujeitos sociais) e as coisas (referenciais de memória e patrimônio), em caráter relacional e processual. É relacional porque observa os objetos inseridos nas dinâmicas sociais, onde as pessoas os valoram, usam, se apropriam, descartam e, muitas vezes, reutilizam. É processual porque está em um construir-se constante, em fluxo contínuo, sendo regido pelo tempo e o espaço em que a relação ocorre. Em termos práticos, podemos extrair duas questões centrais daqui: a museologia se dedica ao estudo da relação que as pessoas travam com as coisas em determinado cenário (o museu)<sup>1</sup>; indica, também, que, para estudar museologia, é preciso gostar de gente, mais do que das coisas que povoam os museus.

Para não perder o caráter organizado e objetivo que o texto exige, é preciso abrir uma rota segura de análise. O caminho que escolhemos, nesta abordagem, que objetiva ser simples, sem perder a complexidade, é fazer uma correlação entre o fenômeno de formação de coleções e os delineamentos do campo disciplinar da museologia. Posteriormente, trataremos um estudo de caso para ilustrar como esses conceitos podem ser traduzidos em ações, tendo como norteamento os desafios impostos pela museologia contemporânea. Intenta-se, com esse breve texto, apontar para a fertilidade do campo museal, que serve de inspiração para pensar sociedade, patrimônio, memória, identidade, observado de um mirante privilegiado: o museu.

A começar pela ideia de coleção, parece ser incontestável que os museus existem em razão dos objetos que coletam e preservam. O hábito

---

<sup>1</sup> Na área da museologia, considera-se essa relação como o fato museal, que, por sua vez, guardaria relação com o conceito de fato social de Émile Durkheim.

de colecionar, por sua vez, é tão antigo quanto o próprio processo de humanização. Cristina Bruno, teórica brasileira do campo museal, acredita que a origem dos museus, enquanto pensamento/olhar e não exatamente como lugar (uma casa, um edifício), guardaria relação fundante com a distintiva qualidade humana de observar, coletar, tratar, valorar, guardar e expor referenciais de memória, que traduziria a própria ideia de preservação<sup>2</sup>. Por essa lógica, o museu, tido como reflexo da vontade humana de preservar memórias, em forma de registros, os mais diversos, seria anterior à criação do museu-lugar. Em outros termos, cremos que é o museu fenômeno (o olhar museal) que serve de gatilho para a criação dos museus-lugares (o museu instituição)<sup>3</sup>.

Para além da apreciação filosófica, é preciso compreender que as coleções permitem que nos reencontremos com a nossa própria história, na medida em que, à materialidade, entrelaçam-se memórias de indivíduos ou de um grupo. Tal como as caixinhas de recordações que guardamos em nossas casas, ou mesmo, o álbum de fotografias de nossa família, que hoje ficam registrados mais em suportes virtuais do que materiais. Esses objetos, a despeito de sua natureza física<sup>4</sup>, quando intencionalmente deslocados de suas funções originais, servem como indicadores (representações) da realidade da qual foram separados. Importante grifar: esse deslocamento não é necessariamente físico, mas, sobretudo, semântico<sup>5</sup>.

Podemos compreender a relação entre coleção e memória a partir do conceito de lugar de memória, cunhado pelo historiador francês Pierre Nora. Para o autor, na medida em que não existiria mais memória espontânea, manifesta-se a necessidade de criar, fisicamente, lugares para que a memória se perpetue; esses lugares seriam representados por intermédio de arquivos, celebrações, monumentos, elogios fúnebres e, por associação, pelas coleções de museus. As coleções, portanto, seriam artifícios criados pela humanidade para reter o tempo, para fincar uma

---

<sup>2</sup> A relação entre coleção e museu é tratada por Cristina Bruno no artigo intitulado “Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória”.

<sup>3</sup> Para aprofundar sobre a questão fenomenológica da museologia, consultar o texto “Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas”, de Tereza Scheiner. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a03v7n1.pdf>. Mário Chagas observa o que denominamos como museu-olhar sob a ótica da “imaginação museal”.

<sup>4</sup> Pode ser desde um objeto material, aparentemente banal, como um boneco que guardamos da infância, ou mesmo, os astros, para os quais olhamos nos dias estrelados, desde a infância; poderia ser, também, a rua pela qual atravessamos todos os dias, em que nesta são registadas nossas memórias ou aquelas que nós vivemos por tabela, a partir do momento que conhecemos sua biografia; ou mesmo, bits, quando armazenamos e gerimos nossas memórias em redes sociais.

<sup>5</sup> Uma rua, uma cidade, um sítio arqueológico, virtualmente, tudo pode ser transformado em “objeto” de museu, embora apenas uma parcela da realidade efetivamente o seja, com ou sem deslocamento físico.

estaca de memória no espaço, de modo que esta não esmaeça na inevitável rota do esquecimento<sup>6</sup> (NORA, 1993).

Pomian, historiador e filósofo polonês, em seminal texto sobre o tema, inaugura a ideia de semióforo, que seria o potencial que os objetos de coleção teriam de conectar o visível ao invisível. (POMIAN, 1997) Exemplo disso seria uma lembrança que ganhamos de um ente querido, que, ao falecer, buscamos recuperar o objeto como forma de trazer a pessoa para perto de nós, mesmo que ausente. Poderíamos afirmar, tendo como referência o autor, que os objetos-semióforos funcionariam como dobras no espaço-tempo, em que o passado se conecta com o presente, em que lugares longínquos são dispostos diante dos olhos, em que os mortos se comunicam com os vivos – tendo como plataforma de embarque as coleções.

As coleções servem, também, para afirmar ou refutar nossas identidades individuais e sociais. Em uma via de mão dupla, ao organizar e significar os objetos, esses também agem sobre nós, criando uma moldura pela qual nos observamos socialmente. O antropólogo José Reginaldo Gonçalves, afirma, sabiamente, que

o fato importante a considerar aqui é que eles (os objetos de coleção) não apenas desempenham funções identitárias, expressando, simbolicamente, nossas identidades individuais e sociais, mas, na verdade, organizam a percepção que temos de nós mesmos individualmente e coletivamente (GONÇALVES, 2007, p. 27).

O fenômeno de formação de coleções nos aponta para questões centrais para compreender o campo dos museus: 1. os museus adquirem, salvaguardam e comunicam “coisas” e informações correlatas; 2. essas “coisas”, no contexto museal, assumem função de suportes de memórias individuais e coletivas e servem para afirmar ou refutar identidades; 3. o que é preservado nos museus não é apenas a materialidade das coisas, mas, sobretudo, as memórias que são fixadas nessas; 4. a museologia, no campo teórico, se dedica a estudar a justaposição relacional entre as pessoas e as coisas em determinado contexto; 5. a partir da compreensão dessa relação, em seu caráter aplicado, desenvolve processos técnico-científicos que transformam “coisas” em patrimônio<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> É importante mencionar que o esquecimento, ao contrário do que possa supor, nem sempre é vilão da memória. Em realidade, esquecemos para lembrar; não são conceitos, portanto, dicotômicos, mas sinérgicos.

<sup>7</sup> Convencionou-se chamar esse processo de musealização, que seria uma das formas de preservar o patrimônio. É o processo de atribuição de valor aos objetos, que, ao serem valorados, assumem uma outra função para o qual não havia sido projetado. É o caso de um

A história dos museus nos mostra, porém, que essas instituições e a formação de suas coleções foram marcadas por uma longa trajetória de saques, espoliações e outros reflexos dos colonialismos, expondo, por demais das vezes, a história dos vencedores – e, talvez, por isso, ainda haja um estigma insuperável dos museus pelo senso comum. Há, do mesmo modo, um patente entendimento de que os museus lidam com objetos congelados em espaços elitizados, dentro de vitrines frias e, muitas vezes, distantes da realidade das “pessoas de carne e osso”. Essas gotas de sangue, que ainda residem em alguns museus, vêm sendo transformadas em vida em outros contextos museológicos, sobretudo a partir do movimento da nova museologia, a partir da década de 70<sup>8</sup>.

Esse movimento foi a pedra angular para a abertura de uma reflexão densa que veio a dar nova direção ao campo dos museus, sobretudo, em termos teórico-metodológicos. A própria noção de patrimônio se alargou e passou a incorporar o cotidiano. Nesse compasso, os museus incorporam novos recortes patrimoniais, expandido suas ações para além dos muros. Em termos simples, a área deslocou seus interesses dos objetos frios para as pessoas por detrás dos objetos. Essa nova forma de fazer e pensar museologia se resume em adequar as estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea (MOUTINHO, 1993)<sup>9</sup>. A manifestação desse movimento se releva na aparição de museus comunitários, a céu aberto, itinerantes e outras tipologias de museus que superam o já cansado trinômio objeto-palácio-vitrine.

Alteram-se, nessa visão oxigenada de museu, os vetores de força que guiam as demandas de preservação; aqueles que outrora eram consumidores de bens patrimoniais, chancelados e registrados de forma jurídico-burocrática, passam a ser produtores desses referenciais de memória, em primeira pessoa<sup>10</sup>. O museu, lentamente, deixa de ser um legado “para” as pessoas e, ao menos em tese, exige uma ação necessariamente cooperativa “com” as pessoas. O papel do profissional de

---

trem em um museu, que não serviria mais, em tese, para transportar ninguém e, nesse novo contexto, serviria para representar as formas de locomoção de determinada cidade.

<sup>8</sup> Para expandir esse tema, consultar o texto “Pensar contemporaneamente a museologia”, de Judite Primo, e o texto “Sobre o conceito de museologia social”, de Mário Moutinho. Ambos textos, e outros de igual relevância, podem ser encontrados no sítio Cadernos de Sociomuseologia, no link <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia>.

<sup>9</sup> Para aprofundar esse assunto, consultar o livro *As Raízes para o Futuro*, de Hugues de Varine.

<sup>10</sup> Esse assunto é tratado no livro *Arqueologia e Patrimônio*, de Pedro Paulo Funari. Um resumo desse texto também pode ser encontrado no sítio da Revista Museu, no link: [http://revistamuseu.com/artigos/art\\_.asp?id=3254](http://revistamuseu.com/artigos/art_.asp?id=3254). O entendimento de chancela de patrimônio está ligado à ideia de patrimonialização inaugurada na Revolução Francesa. A correlação do conceito de patrimônio e Revolução Francesa é tratada no livro *Alegoria do Patrimônio*, de Françoise Choay.

museu, nesse cenário, redundaria, então, em ativar o protagonismo das comunidades na ação preservacionista. Amplia-se, por essa lógica, o sentido participativo dos museus e, por conseguinte, o diálogo com representatividades, como associações, sindicatos e, fundamentalmente, com as escolas<sup>11</sup>.

Em paralelo à expansão da noção de patrimônio e do próprio objeto de estudo da museologia, alarga-se a perspectiva interdisciplinar da área. Para além das disciplinas que tangenciam a organização e o planejamento dos museus e da perspectiva técnica que abrange a curadoria dos acervos, o estudo da musealidade – que compreende a relação seminal entre os sujeitos e os bens patrimoniais – abre vasto campo para o diálogo com disciplinas como sociologia, antropologia, filosofia e as ciências da informação, dentre outras áreas, que, por longa data, ficaram de fora dos currículos dos cursos de formação.

Para plasmar a teoria no campo da prática, trazemos, como estudo de caso, um museu rural localizado na pequena cidade de Morro Redondo, situada na metade sul do Rio Grande do Sul – BR. O referido Museu foi criado por três moradores idosos da Cidade, em 2007, por intermédio da Associação de Amigos da Cultura da Cidade<sup>12</sup>. Em 2009, o Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas, através de um projeto de extensão, coordenado, hoje, pelo autor desse texto, iniciou um trabalho conjunto com a Associação. No mesmo ano, o Museu foi municipalizado por decreto-lei. Apesar da vinculação com a Prefeitura, o Museu manteve seu caráter colaborativo, aproximando-se do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), do Conselho Municipal de Idosos, de dois colégios públicos da Cidade, dentre outras parcerias.

Das várias ações promovidas pelo Museu, destacaria, aqui, o que chamamos de Caminhada da Percepção. Esse projeto teve partida ao percebermos que as crianças do Colégio Bonfim, sito a poucos metros do Museu, poderiam ter ampliada sua visão patrimonial sobre a rua principal da Cidade, pela qual atravessavam todos os dias ao se deslocarem para o educandário e, cujo olhar, a rigor, não ultrapassava a materialidade da rua (casas, cemitério, praça, academia, padaria...). Ao percebermos que os idosos possuem uma lente patrimonial que os permite atravessar a materialidade da paisagem urbana e penetrar em suas camadas semânticas,

---

<sup>11</sup> Importante ressaltar, porém, que um modelo de museu não se configura como evolução ou antítese do outro. Ao contrário: inaugura-se a possibilidade de convergência de diversas possibilidades e expressões museológicas, assim como, de metodologias de ação.

<sup>12</sup> Compreendemos que esses sujeitos-sociais, embora sem qualquer formação na área, projetaram um olhar museal sobre a realidade que os cerca. Olhar esse que encerraria, aqui, o conceito de musealidade, no qual se projeta um sentido, um valor documental, que atravessa a epiderme das coisas e o lança para o campo do subjetivo (da representação). Esses objetos, a maioria extremamente modesta, do ponto de vista monetário, como instrumentos agrícolas antigos, assumem função biográfica das pessoas que vivem na Cidade.

invisíveis ao olhar dos jovens, propusemos um encontro intergeracional, com o objetivo de trocar experiências entre os idosos e as crianças.

As ações foram organizadas em três momentos: o primeiro, incorporou o despertar do olhar patrimonial das crianças, por intermédio de uma ação no próprio colégio, em que os educandos narravam sua vida, tendo como índice, os objetos de sua infância; em seguida, as crianças foram convidadas a caminhar pela rua com os idosos, momento em que eles acessaram os diversos estratos simbólicos que aqueles lugares guardavam e que estavam, em potência, em diversos pontos da rua, prontos para serem ativados; por fim, foi promovida uma Roda de Conversa, na qual as memórias foram discutidas e partilhadas de forma cooperativa.

Em uma atividade como essa, somos convidados a refletir algumas questões centrais. Qual é o objeto que está sendo adquirido, salvaguardado e comunicado pelo Museu nesse contexto? Parece-nos inequívoco que seria a própria rua. Nesse caso, como conservamos? Sobretudo, usando o patrimônio. Por essa via, contrastando com a ideia de museus convencionais, conservamos ao pisar, ao usar o objeto. Mas, igualmente, preservamos ao pesquisar, registrar e comunicar as memórias que estão sendo evocadas nesse processo (inclusive no museu-instituição). Ainda no campo dos contrastes, a aquisição não implica no deslocamento do objeto para dentro do museu, ao contrário, o museu vai à rua. O deslocamento, nesse caso, é semântico; o olhar das crianças e dos idosos é calibrado para perceber, valorar e identificar as novas funções da rua, como referenciais de identidade de um grupo. Ao educar o olhar para o patrimônio, não há caminho de volta, passamos a falar a língua das coisas e, essa, acreditamos, aqui, é principal agenda da museologia atualmente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). **As Várias Faces do Patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.

CHAGAS, Mário de Souza. **Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PPCIS, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, [2003].

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora UNESP, 2001.

GONÇAVES, José Reginaldo. **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Museologia**, n. 1, ULHT, 1993.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**, volume 1, *Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

SCHEINER, Tereza C. M. Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, jan-abr. 2012.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro**: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

## **AUTOR**

### **Diego Lemos Ribeiro**

Professor do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas - RS. E-mail: [dimuseologo@yahoo.com.br](mailto:dimuseologo@yahoo.com.br) .

Recebido em: 04/10/2017.

Aprovado em: 30/03/2018.

Publicado em: 28/10/2018.